

Sentidos argumentativos da palavra “desempregado” em poema de Bertold Brecht

Argumentative senses for the Word “unemployed” in Bertold Brecht’s poem

Telisa F. Graeff
Bianca M. Q. Damacena

Universidade de Passo Fundo – Passo Fundo – Rio Grande do Sul – Brasil



Resumo: O presente trabalho tem como objetivo explicitar os sentidos da palavra “desempregado” em poema de Bertold Brecht. À luz da Teoria dos Blocos Semânticos (TBS) desenvolvida por Marion Carel (1995), analisam-se trechos da poesia “Esse Desemprego” de Brecht, para estabelecer os sentidos argumentativos da palavra escolhida. Dessa forma, fez-se necessário, num primeiro momento, apresentar brevemente a Teoria da Argumentação na Língua (ADL), proposta por Ducrot e Anscombre (1983), e suas duas fases que precedem a TBS. Em seguida, trata-se da TBS em si e, posteriormente, da aplicação da mesma, mais precisamente, das noções de argumentações interna e externa, na análise dos trechos selecionados. Com este estudo, foi possível compreender que o significado dicionarizado das palavras não é suficiente para estabelecer sentidos argumentativos estruturais e contextuais em enunciados. Para tanto, é preciso considerar as possíveis continuações que se podem encontrar através dos encadeamentos argumentativos, fruto da teoria desenvolvida por Ducrot e Carel.

Palavras-chave: Teoria dos Blocos Semânticos; Sentido de Desempregado; Argumentação Interna; Argumentação Externa; Poema de Brecht

Abstract: The following paper aims at revealing meanings for the word “unemployed”, in Bertold Brecht’s poem. Based on Marion Carel’s Theory of Semantic Blocks (1995), we intended to analyze parts of Brecht’s poem “This Unemployment” and, eventually, establish meanings for the chosen word. In order to do so, we needed to make a brief research throughout the theory of Argumentation within Language (ADL), proposed by Ducrot and Anscombre (1983), in the two phases that preceded Theory of Semantic Blocks. Later, the article presents the Theory of Semantic Blocks itself and, when analyzing the selected parts of the poem, we applied its concepts, more precisely, internal and external argumentation notions. Through this study, it was possible to understand that the meaning found in the dictionary is not enough to establish structural and contextual sense in the enunciation. Thus, it is important to consider the possible continuations that can be found through argumentative chaining, Ducrot and Carel’s object of study.

Keywords: Theory of Semantic Blocks; Sense of Unemployed; Internal Argumentation; External Argumentation; Brecht’s Poem

Introdução

O presente artigo visa a estabelecer sentidos argumentativos para a palavra *desempregado*, no poema de Bertold Brecht, “Esse Desemprego”. É sabido que o poeta utilizou seu dom para escrever sobre as mazelas da classe trabalhadora, sobre os exageros das classes mais abastadas, ficando, por isso, conhecido como um

poeta revolucionário. A escolha da palavra *desempregado* deve-se ao fato de Brecht ser um poeta que escreveu sobre a classe trabalhadora com um ponto de vista tão crítico em relação às classes dominantes que, mesmo havendo sentido dicionarizado para a palavra *desempregado*, não é sempre esse sentido que se percebe ao analisar a sua poesia. Em vista disso, utilizando princípios e conceitos da Teoria dos Blocos Semânticos

(TBS), desenvolvida por Carel e Ducrot, são explicitados os sentidos que a palavra *desempregado* pode apresentar discursivamente, neste caso.

Quando se fala em sentido, o que muitos pensam é, por assim dizer, o significado dicionarizado, ou seja, aquele que não considera a situação em que foi produzido o enunciado. No entanto, é a partir dos estudos de Ducrot e Carel que se percebe que não é preciso um dicionário para definir o sentido de uma determinada expressão em um dado enunciado, isto porque o sentido resulta das possíveis continuações que uma entidade linguística pode ter, ao constituir encadeamentos argumentativos, objeto de estudo da Teoria dos Blocos Semânticos.

O presente trabalho está dividido em duas grandes seções. Na primeira delas, faz-se um breve histórico das fases da teoria da Argumentação na Língua (ADL), proposta por Ducrot e Anscombe em 1983, até chegar à terceira fase, chamada Teoria dos Blocos Semânticos (TBS), proposta por Marion Carel (1995) e desenvolvida atualmente com Oswald Ducrot. Nessa mesma seção, têm-se duas subseções nas quais é feito um estudo da TBS, em especial dos tipos de argumentação responsáveis pela associação entre a entidade linguística e seu sentido, a saber, argumentações interna e externa. Por fim, na segunda grande seção, analisa-se o poema de Brecht, à luz da Teoria dos Blocos Semânticos, em busca de diferentes sentidos argumentativos para a palavra *desempregado*.

1 A Teoria da Argumentação na Língua e suas 3 fases

A Teoria dos Blocos Semânticos (TBS), desenvolvida por Carel e Ducrot, apresenta uma visão atual e radicalizada da Teoria da Argumentação na Língua (ADL), proposta por Ducrot e Anscombe (1983). Trata-se de uma teoria estruturalista, que entende estar o sentido de uma dada entidade linguística na própria língua. A ADL sofreu algumas alterações ao longo do tempo, tendo três fases, sendo a terceira a TBS. A primeira fase é a chamada *Standard*, apresentada a partir da obra *L'argumentation dans la langue* (1983) e a segunda, chamada de *Recente*, que é considerada uma ampliação da primeira.

A ADL surgiu como uma teoria que se opõe ao conceito tradicional de sentido em que geralmente se diferenciam três formas de indicações, as objetivas (representam a realidade, ou seja, denotação) e subjetivas e intersubjetivas (respectivamente, apontam a ação do locutor frente à realidade e representam as relações do locutor com seus interlocutores; ambas seriam a conotação). Ducrot e Anscombe (1983) acreditavam que a linguagem não tinha um aspecto denotativo, ou seja, que pudesse descrever a realidade diretamente. Também não acreditavam que os enunciados dessem acesso direto à realidade.

Na verdade, para eles, a descrição da realidade é possível com a junção das indicações subjetivas e intersubjetivas, formando o que chamaram de valor argumentativo das entidades linguísticas, que seria a orientação que uma dada entidade dá para o discurso. O valor argumentativo é, portanto, o conjunto de possibilidades de continuações discursivas que surgem a partir do emprego de uma dada expressão, sendo esse o nível fundamental da descrição semântica. Nas palavras do autor:

De fato, a meu ver, o emprego de uma palavra torna possível ou impossível uma certa continuação do discurso e o valor argumentativo desta palavra é o conjunto de possibilidades ou impossibilidades de continuação discursiva que seu emprego determina. [...] o valor argumentativo de uma palavra é o papel que ela pode desempenhar no discurso (DUCROT, 1990, p. 51).

O que se aponta na teoria de Ducrot com essa junção dos aspectos subjetivo e intersubjetivo é que o sentido está na própria língua, mas repousa sobre as intenções de um locutor que age sobre a vontade de um interlocutor. Entretanto, o que se analisa na ADL não é a intencionalidade do sujeito que realiza a enunciação, mas a maneira como as entidades linguísticas se articulam, resultando em um “sentido” que talvez reflita uma determinada intenção, e não outra. Barbisan et al (2010, p. 198) colocam que

A ADL é uma teoria semântica que se propõe a explicar o sentido construído pelo linguístico no uso da língua. Em vista disso, a tarefa que se impõe ao criador da teoria não é a de definir o sentido de entidades linguísticas isoladas, nem mesmo relacionadas paradigmaticamente em campos nocionais, mas a de compreendê-las em seu contexto linguístico, pelas relações de sentido que estabelecem com outras entidades. Como semântica linguística, a ADL tem por objetivo explicar o sentido produzido essencialmente pelas relações sintagmáticas entre palavras, expressões, frases no uso da língua. É, portanto, uma semântica sintagmática.

É por isso, também, que se pode dizer que a ADL tem conexão com o estruturalismo de Saussure. Em capítulo do livro *Nouveaux regards sur Saussure: mélanges offerts à René Amacker* de Louis de Saussure, Ducrot (2006) explica que o estruturalismo saussuriano está próximo da ADL no que concerne ao conceito de valor e das relações entre os signos. No Curso de Linguística Geral (CLG), Saussure aponta que os signos são definidos uns em relação aos outros e que não faz sentido vê-los em si mesmos, ou sozinhos. O autor coloca que “o valor de qualquer termo que seja está determinado por aquilo

que o rodeia” (SAUSSURE, 2006, p. 135). É possível depreender do CLG que as relações entre os signos definem sua própria natureza e conformam a noção de alteridade. Em outras palavras, “(...) quase todas as unidades da língua dependem seja do que as rodeia na cadeia falada, seja das partes sucessivas de que elas próprias se compõem” (SAUSSURE, 2006, p. 148). Dessa forma, Ducrot (2006, p. 160) admite que a ADL se aproxima de Saussure, pois também considera que o “significado de um signo é um certo conjunto de relações entre signos”¹ e a relação escolhida é a sintagmática, e não a paradigmática.

No entanto, há alguns aspectos da teoria saussuriana que se afastam da ADL. Para Saussure (2006), a linguagem é constituída pela *língua*, definida como o lado social da linguagem, o conjunto de convenções, e a *fala*, o lado individual, a utilização da *língua* pelos falantes. Embora Saussure assumira que uma parte não existe sem a outra, e que é necessário uma linguística da fala, no CLG, o objeto da Linguística é discutir a *língua*. A ADL, por sua vez, não concebe esta separação e afirma que não é possível fazer a descrição semântica de um enunciado considerando-se somente *língua*. É preciso que se analise também *fala*. Ducrot unifica os dois conceitos para criar uma Semântica Linguística.

Outro aspecto que distancia a ADL do estruturalismo de Saussure é que, apesar de convergirem no que concerne às relações entre os signos, para Ducrot tais relações são estritamente argumentativas, de forma que qualquer palavra ou expressão só terá sentido completo depois da conclusão que se evoque dela, da orientação que ela dá ao enunciado a partir da conformação de encadeamentos argumentativos. De acordo com Graeff,

É ideia central da ADL que uma conclusão não se explica apenas a partir do fato expresso por um segmento A, mas por meio da forma linguística de A, o que significa que a argumentação está marcada na própria língua, inscrita na frase, que é entendida como uma estrutura abstrata, cuja significação contém instruções para decodificar o sentido dos enunciados possíveis. (GRAEFF, 2011, p. 215)

A segunda fase da ADL inicia quando Ducrot e Anscombe passam a afirmar que o estabelecimento dos encadeamentos argumentativos dependia de princípios gerais chamados *topoi*. Este termo já é mencionado em Aristóteles, mas, segundo definição de Ducrot e Anscombe, trata-se de garantias que permitiam ir do argumento à conclusão sob a forma “quanto mais verossímil é o que se diz no argumento, mais verossímil é o que se diz na conclusão” (CAREL; DUCROT, 2005, p. 12).

Tome-se como exemplo o encadeamento utilizado por Ducrot e Carel (2005), *o hotel está perto, portanto é fácil chegar*. Nesse exemplo, pode-se concluir que *quanto mais perto, mais fácil de chegar* o que impediria de formar o seguinte encadeamento: *o hotel está perto, portanto é difícil de chegar*. Graeff explica como é entendida essa noção de *topos* na ADL ampliada:

A forma mais recente da ADL não se preocupa, portanto, com a definição do ato de argumentação realizado pelo locutor, mas com os diferentes pontos de vista apresentados no enunciado. Conforme Ducrot (1990, p. 116), um ponto de vista é argumentativo mediante duas condições: (1) esse ponto de vista tende a uma conclusão; (2) essa conclusão convoca um princípio argumentativo, chamado *topos* que auxilia o raciocínio, na medida em que permite operar uma escolha entre os caminhos – diretos ou indiretos -, que vão de um argumento a uma conclusão (GRAEFF, 2011, p. 219).

Dessa forma, no exemplo acima, o ponto de vista considerado é de que *estar perto* configura *facilidade para chegar*, e não o contrário. Esse é um ponto de vista que tende à conclusão do sentido que a palavra *perto* pode apresentar. Em outras palavras, passou-se a estabelecer relações argumentativas a partir de princípios que não eram linguísticos, que estavam ligados ao mundo.

Em 1995, Carel percebeu que o rumo tomado pela ADL, ao empregar a noção de *topoi*, estava se distanciando do princípio saussuriano que defende que a língua só pode ser estudada por ela mesma. A ADL havia surgido com o intuito de determinar que o sentido é proveniente da argumentação e esta seria um fenômeno puramente linguístico. No entanto, quando se estabelece que as relações argumentativas dependem de princípios ligados ao mundo, estas relações não mais são de cunho linguístico. Dessa forma, Carel escreveu sua tese, fazendo uma crítica à ADL e criando assim a Teoria dos Blocos Semânticos (TBS), hoje também desenvolvida por Ducrot (CAREL; DUCROT, 2005).

Para a TBS, assim como era para a ADL, o sentido de uma entidade linguística não está nas propriedades, nem nas ideias, mas sim, constitui-se por discursos que essa entidade linguística evoca. Tais discursos são chamados de encadeamentos argumentativos. Porém, diferentemente da ADL, que considerava apenas os encadeamentos do tipo *donc*, a TBS estabelece que um encadeamento argumentativo pode ser formado por dois segmentos que estão sempre ligados por um conector do tipo *donc* (portanto), formando um encadeamento normativo; ou *pourtant* (mesmo assim), formando um encadeamento transgressivo. A fórmula geral dos encadeamentos é o que demonstra a Figura 1.

¹ [...] le signifié d'un signe est un certain ensemble de rapports entre signes (Tradução nossa).



Figura 1 – Fórmula geral dos encadeamentos

Tal oposição, normativo versus transgressivo, está dentro das palavras, até mesmo daquelas que não parecem ter relação com a ideia que carrega o uso de *donc* (portanto) e *pourtant* (mesmo assim), representados respectivamente pelas siglas DC e PT. Para ilustrar esta diferenciação, faz-se necessário reproduzir um dos exemplos utilizados por Ducrot e Carel (2005):

- (1) Ih, Pedro está aí.
- (2) Claro, Pedro está aí.

Apesar de não parecer, as expressões *Ih* e *Claro* são representadas pela oposição normativo/transgressivo. Em (1), é possível perceber que Pedro está lá, mas, por alguma razão, não deveria estar. Utilizando a fórmula geral:

X mesmo assim Pedro está aí.

Já em (2), pode-se entender que há algum motivo para que o Pedro esteja lá. Dessa forma:

X portanto Pedro está aí.

Nos dois encadeamentos exemplificados acima, X é um segmento que esclarece por que Pedro não deveria estar ali, ou, ao contrário, deveria. Poderíamos substituí-lo por qualquer entidade linguística que mantivesse a ideia que *portanto* (DC) e *mesmo assim* (PT) estabelecem. Por exemplo:

Não foi convidado MESMO ASSIM Pedro está aí.

Ou ainda:

Foi convidado PORTANTO Pedro está aí.

Sobre essa particularidade, Ducrot e Carel (2005), ao explanarem sobre a TBS, mostram que:

[...] nos dois tipos de encadeamentos [normativos e transgressivos] se manifesta um fato fundamental, a saber, que cada um dos seguimentos encadeados toma somente seu sentido na relação com o outro. Este fenômeno é o que chamamos de interdependência semântica (CAREL; DUCROT, 2005, p. 16).

Tal interdependência semântica encontra-se no fato de que, num encadeamento do tipo X portanto Y, o segmento X se compreende pelo segmento Y e vice-

versa, eles dependem um do outro para que haja sentido. É importante frisar que um encadeamento argumentativo não é uma ligação entre duas informações, porque o que importa nesse tipo de encadeamento é o conector, que cria a relação discursiva, atribuindo sentido discursivo a um dado enunciado.

1.1 Os Blocos Semânticos

Como visto anteriormente, o sentido de uma entidade linguística está nos discursos que ela evoca, ou seja, nos encadeamentos argumentativos que ela forma. Também já foi mencionado que tais encadeamentos são constituídos por dois tipos de conectores, o que resulta em dois tipos diferentes de encadeamentos, a saber, o normativo e o transgressivo, cuja fórmula geral já foi demonstrada na Figura 1 acima.

Ao segmento X chamamos de A e ao Y, de B. Tais segmentos podem ou não estar acompanhados de negação. A partir de A e B, podem-se construir oito conjuntos de encadeamentos denominados aspectos argumentativos, que se agrupam em dois blocos semânticos, sendo quatro aspectos para cada bloco. Ainda com relação aos aspectos de cada bloco, o que lhes é particular é que a interdependência semântica entre A e B é a mesma para os quatro aspectos de um bloco (CAREL; DUCROT, 2005). Para ilustrar, os blocos conformariam a seguinte imagem:

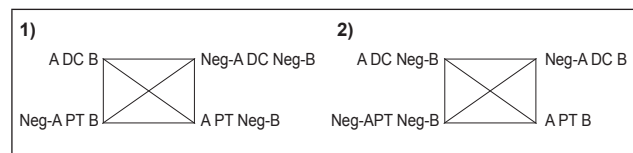


Figura 2 – Blocos semânticos

Em cada um dos quatro ângulos dos blocos, podem-se ver as descrições que permitem suposições sobre as relações discursivas entre os termos. Para Carel e Ducrot, são necessários dois blocos porque os aspectos do primeiro bloco, representado pelo número 1, estão interligados à medida que os segmentos A e B são reciprocamente influenciados por sua presença no encadeamento. Os outros quatro aspectos representados no bloco 2, que é totalmente diferente do primeiro, conformam outros encadeamentos, também diferentes dos que compõem o primeiro pelo mesmo motivo: “a influência de A sobre B e de B sobre A é distinta em cada bloco” (CAREL; DUCROT, 2005). A relação entre os blocos apresentará três possibilidades de interpretação do enunciado: ou haverá mudança de sentido, ou um dos blocos não terá sentido algum ou, ainda, um dos blocos será doxal e o outro paradoxal.

As relações discursivas entre os ângulos do quadrado, ou bloco argumentativo, conforme Ducrot (2005) seriam:

- relação de conversão – que une os ângulos diagonalmente opostos; esta relação permite que um aspecto seja contestado pelo outro, como se um fosse verdadeiro e o outro falso, não necessariamente o contrário. Por exemplo: É fácil DC acerta – sentido argumentativo de não-tolo / É fácil PT não acerta – sentido argumentativo de tolo;
- relação de reciprocidade – que une os dois ângulos de cima ou de baixo do quadrado; é uma relação que estabelece exatamente o contrário do que foi dito por um dos aspectos. Ex.: É fácil DC acerta – sentido argumentativo de não-tolo / É difícil DC não acerta – sentido argumentativo de não-inteligente;
- relação de transposição – que une os ângulos do lado direito ou do lado esquerdo do quadrado; uma relação que troca o conector e nega o primeiro termo. Ex.: É fácil DC acerta – argumentação de não-tolo / Não é fácil PT acerta – argumentação de inteligente;

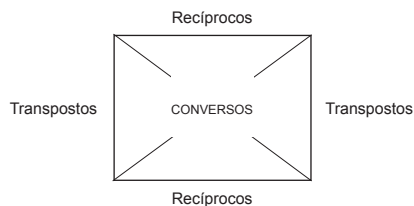


Figura 3 – Bloco semântico e as relações entre os ângulos

Os encadeamentos em cada ângulo do bloco são, portanto, descrições argumentativas das entidades linguísticas que permitem prever as relações discursivas existentes entre os quatro ângulos. O exemplo usado para explicar as relações citadas acima, estabelece diferentes relações discursivas para as palavras *fácil* e *acertar*, de forma que, dependendo do conector (DC ou PT) ou se se usa a negação, é possível chegar ao sentido tanto de tolo, como de inteligente, e ainda dos intermediários, já que não-tolo não significa necessariamente inteligente e vice-versa. De outro modo, outras palavras ou expressões poderiam substituir as do exemplo para que se pudessem buscar seus respectivos sentidos.

Com relação à questão doxal versus paradoxal, recentemente, Carel escreveu um artigo intitulado *Tu serás um homem, meu filho um prolongamento da doxa: o paradoxo* que apresenta algumas alterações para a TBS. De maneira geral, a Teoria continua mostrando que o sentido dos enunciados é argumentativo e não informativo, ou

seja, não pode ser julgado como verdadeiro ou falso. No entanto, o que modifica com relação à teoria é que, antes, Carel e Ducrot defendiam que os aspectos argumentativos poderiam ser agrupados em dois blocos diferentes (como apresentado na Figura 2) em que um seria doxal e o outro paradoxal e, agora, “um mesmo bloco semântico, [...] realiza-se de modo paradoxal como de modo doxal” (CAREL, 2013 p. 256). Para a autora, os aspectos ditos paradoxais têm diversas relações com os aspectos doxais, podendo ser de oposição, mas, ainda assim, serão relações graduais. Dessa forma, com esse novo estudo, entende-se que “o paradoxo não é um sistema de crença alternativo, em espelho com aquele ao qual nos habituamos; ele é, antes, um complemento, o desenvolvimento, o último prolongamento” (CAREL, 2013, p. 256). Nas palavras de Carel:

Percebi que, contrariamente ao que eu tinha dado a entender outrora, a gradualidade semântica não se deixa sempre descrever por aquilo que a TBS chama de transposição, que é uma das relações formais que se definem no interior desses grupos de quatro aspectos que eu chamava de “blocos semânticos”. Há, também, uma gradualidade fundamentada na justaposição de um aspecto doxal e de um aspecto paradoxal. Essa observação me levou [...] a remanejar o próprio conceito de bloco semântico. O par de aspectos cuja gradualidade se fundamenta na oposição entre o doxal e o paradoxal deve, de fato, ser integrado ao mesmo bloco, em razão da proximidade semântica dos encadeamentos que concretizam esses aspectos (CAREL, 2013, p. 269).

Para explicar como o paradoxo é um prolongamento da doxa, Carel (2013) parte da relação entre os ângulos do quadrado argumentativo (Figura 3) e explicita que “enquanto, de um bloco semântico a outro, os aspectos não são comparáveis [...], no interior de um mesmo bloco semântico, os aspectos mantêm entre si um parentesco que permite compará-los” (CAREL, 2013 p. 259). Dito de outro modo, os aspectos em blocos distintos não podem ser comparados, pois se trata de aspectos diferentes entre si. Já os aspectos de um mesmo bloco podem ser comparados e é aí que se encontram a doxa e o paradoxo. Para Carel (2013) um encadeamento doxal acontece quando ele está relacionado a um aspecto argumentativo que faz parte da significação de um de seus segmentos. Já o paradoxal é uma superposição aos aspectos ditos doxais e também está inscrito na língua, não tendo relação com o que a sociedade chama de paradoxal. Observe a Figura 4:

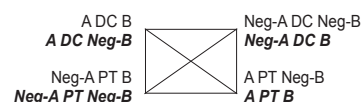


Figura 4

Na Figura 4, pode-se observar como se conforma a partir de agora a TBS: um bloco simples com oito aspectos, em que aqueles que estão em negrito e itálico, são ditos aspectos doxais. Este bloco é chamado, então, de bloco estrutural, pois contém quatro aspectos doxais e quatro paradoxais. Para Carel:

Um último passo, porque essa apresentação dos blocos estruturais em quatro doxais e quatro paradoxais está ainda muito próxima do ponto de vista clássico que Ducrot e eu tínhamos sobre o paradoxo e que nos conduzia a compreender como um reflexo da doxa no interior de outro bloco semântico. Ora, se os quatro paradoxais mantêm entre eles as relações que mantêm os quatro doxais (o que dá o sentimento de que o paradoxo reflete a doxa), por outro lado, o grupo dos paradoxais não é globalmente o inverso do grupo dos doxais. Há, certamente, elos de oposição entre certos aspectos paradoxais e certos aspectos doxais, mas há igualmente elos graduais entre esses mesmos aspectos paradoxais e outros doxais (CAREL, 2013, p. 268-269).

Para melhor compreender esta nova conformação, tome-se o exemplo utilizado por Carel (2013) *se tu podes ser duro sem jamais ser enraivecido*, retirado do poema de Kipling, *If*. Nele são colocadas em contraposição as palavras *duro* e *enraivecido* e pode-se evocar o seguinte aspecto argumentativo transgressivo para a palavra *duro*:

A faz sofrer PT X faz A

Trata-se de aspecto que está inscrito na própria significação de que uma pessoa dura pune quando necessário. Já a palavra *enraivecido* apresenta o seguinte aspecto normativo:

A faz sofrer DC X faz A

Nesse caso, o aspecto argumentativo dá sentido de crueldade, já que o conector DC (portanto) demonstra que X só pune porque quer ver sofrimento. Ao transpor esses aspectos argumentativos para o quadrado da Figura 4, é possível perceber que eles não são transpostos, mas sim, que se trata de doxa e paradoxo em que *enraivecido* é paradoxal e *duro* é doxal. Pelo próprio posicionamento dos aspectos no bloco, entende-se que não são palavras contrárias, como antes Ducrot e Carel acreditavam ser, mas sim um “complemento no interior de um mesmo bloco semântico” (CAREL, 2013 p. 262). A gradualidade entre ambos os termos se encontra no fato de que no enunciado, espera-se que uma pessoa seja dura, mas nunca enraivecida. Dessa forma, é possível compreender

que os oito aspectos de um bloco estrutural formam uma estrutura complexa que conecta doxa e paradoxo.

Entretanto, Carel (2013) também chama atenção para o fato de que nem sempre um aspecto vai ser doxal ou paradoxal. Trata-se do aspecto contextual. O exemplo que a autora traz em seu artigo é o aspecto COMER UM FILÉ DC ESTAR CONTENTE. Nesse caso, comer filé e estar contente não faz parte da significação um do outro, por isso não pode ser doxal. Também não pode ser paradoxal, pois COMER UM FILÉ DC NÃO ESTAR CONTENTE não está na significação de comer um filé. É contextual, pois vai depender do seu uso em si.

Dessa forma, é possível perceber que, de fato, o sentido de uma entidade pode ser depreendido a partir dos aspectos associados a esta entidade. A TBS vai ainda mais adiante para explicar que esta associação pode ser externa ou interna, de modo que toda entidade linguística possui dois tipos de argumentação, como se verá na próxima seção.

1.2 Argumentação Externa versus Argumentação Interna

Sabe-se que o sentido de uma entidade linguística é determinado por meio dos aspectos argumentativos que estão ligados a essa mesma entidade. Entende-se por aspecto conjuntos de encadeamentos que partilham a mesma relação discursiva, ou seja, são interdependentes, exprimindo um único conteúdo argumentativo. É propósito desta seção, esclarecer como acontece esta associação entre a entidade linguística e seus possíveis encadeamentos para encontrar o sentido. A TBS estabelece que há dois tipos distintos de ligação entre uma dada expressão ou palavra e os aspectos que ela significa: uma externa e outra interna.

Quando a entidade linguística aparece no discurso que o aspecto argumentativo pressupõe, então se trata de uma argumentação externa (AE). Observem-se os exemplos dados por Ducrot e Carel (2005, p. 63):

- (3) Pedro é prudente, portanto estará seguro.
→ prudente DC seguro
- (4) Tem medo, portanto é prudente.
→ ter medo DC prudente

Os enunciados (3) e (4) apresentam categorias específicas de AE, sendo o primeiro deles um caso de AE à direita, pois a argumentação está conformada pela continuação de *prudente*, ou seja, *seguro*. Já o segundo é uma AE à esquerda, porque se trata do que precede a entidade linguística, no caso, *ter medo*.

A segunda característica de uma AE é que seus aspectos são sempre duplos. Dessa forma, se há um aspecto dessa AE em DC, haverá nessa mesma AE outro

aspecto em PT + neg com os mesmos segmentos, e vice-versa. São chamados aspectos conversos: prudente DC seguro / prudente PT não seguro

De acordo com Ducrot e Carel (2005), a argumentação externa de uma determinada entidade linguística pode ser tanto estrutural quanto contextual. Uma AE é tida como estrutural quando faz parte da significação linguística, prevista pela língua. Como é o caso dos aspectos doxais e paradoxais. Assim os encadeamentos PRUDENTE DC SEGURO e PRUDENTE PT NÃO SEGURO são AE estruturais, porque fazem parte da significação de *prudente*, prevista pela língua. Em contrapartida, uma AE será contextual quando for a situação do discurso o que a vincula a uma entidade. Tome-se, mais uma vez, um exemplo dado por Ducrot e Carel (2005, p. 64):

- (4) É prudente, portanto merece que confiemos nele
 (5) É prudente, mesmo assim não merece que confiemos nele

A associação a ser feita nos dois enunciados acima depende da situação de cada um deles. A explicação que Ducrot dá é que caso se trate de um motorista, (5) cabe melhor à situação, pois ser prudente é o que se espera de alguém que dirija um carro. Porém, caso se trate de um guarda-costas, ser prudente não seria sua melhor característica, já que se espera de um segurança que esteja sempre pronto para defender seu cliente (CAREL; DUCROT, 2005). Neste caso, o enunciado que melhor descreve esta situação é o (6), pois este evoca o aspecto PRUDENTE PT NÃO CONFIAR.

A Argumentação Interna (AI) de entidade linguística, por sua vez, está constituída por aspectos aos quais pertencem os encadeamentos que parafraseiam, reformulam, essa mesma entidade. Ao contrário da AE, a AI não pode conter a entidade em questão como elemento constitutivo. No entanto, se a entidade linguística é, ela mesma, um encadeamento, esta entidade pode encontrar-se em sua própria AI, mas não pode ser um segmento. Também, não se encontrarão na AI aspectos conversos, como na AE, mas é possível encontrar aspectos recíprocos (vide Figuras 2 e 3). Exemplo disso é a AI de *peneira* que contém encadeamentos normativos recíprocos: fino DC passa / não fino DC não passa.

Além das duas características citadas acima, como na AE, a AI pode ser de natureza estrutural ou contextual. Ela será estrutural quando for parte da significação linguística da entidade em questão. Ducrot e Carel (2005) exemplificam essa modalidade com a AI de *prudente* que pode ser PERIGO DC PRECAUÇÃO. Trata-se de uma AI estrutural porque é uma definição de prudente, prevista pela língua e a palavra *prudente* não está

contida em nenhum dos segmentos. Por outro lado, a AI será contextual quando é a situação discursiva que a produz, assim como para a AE. Por exemplo, PRUDENTE DC MERECE CONFIANÇA (CAREL; DUCROT, 2005).

Conclui-se aqui uma breve exposição sobre a Teoria dos Blocos Semânticos, na qual vimos que o sentido de uma entidade linguística está constituído por encadeamentos argumentativos que, por sua vez, estão associados a essa entidade. De fato, qualquer entidade linguística está associada a aspectos que são conjuntos de encadeamentos que compartilham a mesma relação discursiva. Foi visto também que esta associação se dá tanto por meio da argumentação externa como da interna e que ambas podem ser consideradas de natureza estrutural ou contextual. A próxima seção do artigo se ocupa em utilizar princípios e conceitos, aqui focalizados, na análise argumentativa de “Esse Desemprego”, poema de Bertold Brecht.

2 Análise argumentativa da palavra *desempregado* no poema “Esse desemprego”

O poema “Esse Desemprego” foi retirado da Antologia Poética de Bertold Brecht, no *site* Cultura Brasil. A palavra escolhida para ser analisada neste artigo aparece somente uma vez, ao final do poema, porém seu significado pode ser apreendido a partir de análise mais aprofundada do poema inteiro, contribuindo para isso os sentidos argumentativos de *desemprego* em suas várias aparições. Vejamos o trecho a seguir:

Trecho 1

Meus senhores, é mesmo um problema
 Esse desemprego!
 Com satisfação acolhemos
 Toda oportunidade
 De discutir a questão.
 Quando queiram os senhores!
 A todo momento!

De acordo com o dicionário online *Michaellis*, a palavra *desemprego* tem a seguinte acepção: “sm (des+emprego) 1 Ação de desempregar. 2 Falta de emprego. 3 Estado de desempregado”.

Observe-se que *desemprego* é a junção do prefixo *des* (significando sem) e *emprego*. Aprofundando mais a questão do sentido dicionarizado, o mesmo dicionário aponta que *emprego* significa: “sm (derivação regressiva de empregar1) 1 Ato ou efeito de empregar. 2 Função, cargo. 3 Colocação, lugar, ocupação, trabalho [...]”.

Ambas as acepções não são suficientes para chegar ao sentido de *desemprego* no texto, porque elas se atêm ao fato de ter ou não ter função, trabalho. No entanto, o desemprego, já no primeiro trecho, é definido como *problema*. Não se trata apenas de ter ou não ter emprego, mas também de não ter uma vida digna, etc. O trecho 1 evoca o problema causado pelo desemprego e um desemprego que causa problemas, podendo-se, assim, apresentar o aspecto DESEMPREGO DC PROBLEMA. Vejamos agora o trecho a seguir:

Trecho 2

Pois o desemprego é para o povo
Um enfraquecimento.
Para nós é inexplicável
Tanto desemprego.
Algo realmente lamentável
Que só traz desassossego.
Mas não se deve na verdade
Dizer que é inexplicável
Pois pode ser fatal
Difícilmente nos pode trazer
A confiança das massas
Para nós imprescindível.

Ainda com relação à palavra *desemprego*, o trecho 2 confirma que se trata de um problema para a classe trabalhadora, porque é possível evocar o aspecto argumentativo DESEMPREGO DC ENFRAQUECIMENTO DO POVO. Trata-se de um aspecto expresso no trecho 2, que remete ao fato de que o desemprego deixa famílias inteiras sem condições de se sustentarem, portanto, *enfraquecidas*. Os próximos versos corroboram esse sentido na medida em que permitem evocar o encadeamento argumentativo *desemprego* DC *só traz desassossego*, ao qual é possível associar o aspecto argumentativo DESEMPREGO DC Neg-SOSSEGO. Entretanto, a partir da análise desse trecho, pode-se perceber que o problema trazido pelo desemprego não afeta apenas a classe trabalhadora, mas também os senhores que os empregam. O encadeamento argumentativo *desemprego* DC *não traz a confiança das massas* demonstra que se o problema do desemprego não for solucionado, os senhores não terão a confiança das massas, ou seja, da população.

Como visto na seção 1.2 deste artigo, a TBS diferencia dois tipos de ligações entre uma entidade linguística e os aspectos que ela significa. Quando a entidade não aparece no discurso representado pelo aspecto argumentativo, tem-se uma argumentação interna (AI) dessa entidade linguística. Por outro lado, caso a entidade linguística conste no discurso que o aspecto argumentativo

representa, esse aspecto passa a ser uma argumentação externa (AE) da entidade linguística. Ambas ainda podem ser de natureza contextual, quando seu sentido depende do uso imediato no enunciado, ou estrutural, quando o sentido da entidade linguística está previsto pela língua.

Dessa forma, no caso dos trechos analisados até agora, pode-se dizer que o aspecto argumentativo DESEMPREGO DC Neg-SOSSEGO é argumentação externa estrutural da palavra *desemprego*, pois está na estrutura da língua o vínculo entre *desemprego* e *não sossego* para os empregadores, assim como também estão *sofrimento* e *enfraquecimento do povo*. Considerando-se apenas o sentido dicionarizado evocado anteriormente, o significado da palavra *desemprego* é simplesmente *não ter emprego* e isto apenas não é suficiente para depreender *sofrimento*, *enfraquecimento*, porque há que se levar em conta que não é apenas o fato de não ter emprego que prejudica a população, mas, principalmente, o fato de deixar de ter emprego e, portanto, passar a não ter dinheiro para arcar com os custos básicos da vida. A partir da análise dos Trechos 1 e 2, foi possível depreender estes significados evocando-se os aspectos argumentativos e todos eles confirmam essa natureza de problema social que a palavra *desemprego* carrega em si.

Já para o outro tipo de problema trazido pelo desemprego, o qual pode ser evocado a partir do aspecto DESEMPREGO DC Neg-CONFIANÇA DAS MASSAS, trata-se de argumentação interna contextual já que não faz parte da estrutura da língua entender o desemprego como um obstáculo para a classe dos senhores. É contextual, também, porque é a situação do discurso que torna possível entender este tipo de problema. Indo mais além da significação da palavra escolhida, é este encadeamento, também, que justifica a existência de dois locutores no poema: um que busca a solução para o desemprego da classe trabalhadora, e outro que se preocupa com as consequências que este desemprego pode trazer para os senhores.

À palavra *desemprego* pode-se facilmente associar o termo *desempregado* que está relacionado a alguém que não tem emprego, caso se considere o dicionário apenas. Uma possível argumentação interna para a palavra *desempregado* é TRABALHAVA NA PROPRIEDADE DE OUTRO PT Neg- TRABALHA MAIS. E esta seria uma AI estrutural porque faz parte da própria significação linguística de *desempregado*. Assim, fazendo uma conexão com os aspectos argumentativos evocados para a palavra *desemprego*, chega-se à conclusão que o trabalhador que não mais trabalha em propriedade de outro, portanto desempregado, está enfraquecido, está sofrendo e desassossegado. Agora, observe-se o terceiro trecho deste mesmo poema:

Trecho 3

É preciso que nos deixem valer
 Pois seria mais que temível
 Permitir ao caos vencer
 Num tempo tão pouco esclarecido!
 Algo assim não se pode conceber
 Com esse desemprego!
 Ou qual a sua opinião?
 Só nos pode convir
 Esta opinião: o problema
 Assim como veio, deve sumir.
 Mas a questão é: nosso desemprego
 Não será solucionado
 Enquanto os senhores não
 Ficarem desempregados!

Pela leitura do trecho, o encadeamento que pode ser evocado é *desemprego é problema DC deve ser solucionado*. A grande questão é como poderia ser solucionado este problema social. A resposta vem em forma de outro encadeamento *senhores desempregados DC desemprego solucionado*. No entanto, se faz necessária uma análise para além da conformação dos encadeamentos.

Observe-se que já foi possível interpretar o que seria a solução, no ponto de vista de um dos locutores, para o desemprego. Porém, o que de fato significa *senhores desempregados*? Um senhor não tem emprego, mas isso não o faz um desempregado. Caso se tome literalmente o sentido dicionarizado, tem-se como aceção de *senhor* o seguinte:

sm (lat seniore) [...] 2 Soberano, chefe; título honorífico de alguns monarcas. 3 Homem de alta consideração; nobre. 4 Título de nobreza de alguns fidalgos. 5 Proprietário, possuidor, dono absoluto; possuidor de algum Estado ou território. 6 Aquele que tinha autoridade feudal sobre certas pessoas ou propriedades; proprietário feudal. 7 Tratamento de criados para os amos. 8 Dono da casa.

Dessa forma, entende-se que um senhor contrata operários para trabalharem para ele e por isso, pode-se evocar o seguinte encadeamento para a palavra *senhor*: *tem propriedade DC não trabalha na propriedade de outro*. Trata-se de AI estrutural de *senhor*, pois faz parte da significação desta palavra a questão de ter propriedade e não precisar trabalhar para outro, como o faz o *trabalhador*. A partir deste exemplo de AI, é igualmente possível evocar um encadeamento para a palavra *empregado*: *não tem propriedade DC trabalha na propriedade de outro*. Assim, não há como dizer que um senhor é empregado. Além disso, o desemprego é um fenômeno social que existe apenas na classe trabalhadora.

É fazendo a AI da expressão *senhores desempregados* que se chega ao sentido argumentativo global deste poema. A partir dos trechos 1 e 2, constatou-se que a AI de desempregado é TRABALHAVA NA PROPRIEDADE DE OUTRO PT Neg- TRABALHA MAIS. Ainda no trecho 2, é preciso considerar a AE de desempregado, DESEMPREGADO DC ENFRAQUECIDO. Já no trecho 3, a AI de *senhor* é TEM PROPRIEDADE DC Neg- TRABALHA NA PROPRIEDADE DE OUTRO. A partir dessa AI, é possível perceber que a força de um senhor é a sua propriedade e o fato de que ele emprega (e também demite) trabalhadores, usando de sua força de trabalho para garantir lucro. Um *senhor desempregado* poderia ser definido como TINHA PROPRIEDADE PT Neg-TEM MAIS A PROPRIEDADE, o que denota que se o senhor não tem mais sua propriedade, quer dizer que ele perdeu sua fonte de renda, seu lucro e, portanto, fica enfraquecido. E, assim encontra-se o que o locutor que está a favor dos desempregados considera a solução para o problema do desemprego na classe trabalhadora, que pode ser interpretada pelo seguinte aspecto SENHORES SEM PROPRIEDADE DC ENFRAQUECIDOS e daí tem-se SENHORES ENFRAQUECIDOS DC DESEMPREGO SOLUCIONADO. De forma que se pode entender que quando não houver propriedade privada, não haverá mais desemprego, trabalhando todos e produzindo coletivamente.

Com a análise, é possível concluir que Brecht dá dois sentidos para a palavra *desempregado*. O primeiro sentido é obtido a partir da AE de desemprego em que se percebe que, para além de significar apenas *não ter emprego*, a entidade linguística em questão significa também *enfraquecimento, sofrimento e desassossego* para aquele que não tem emprego. Já o segundo sentido é criado de forma contextual, fazendo-se um paralelo com a expressão *senhor desempregado*, a partir da AI de *desempregado*. Chega-se à conclusão de que o termo *desempregado* associado ao termo *senhor*, deixa de ter o sentido de desassossego, já que passa a ser a solução para o desemprego que aflige a classe trabalhadora. Ainda que a associação entre *senhor desempregado* e *enfraquecido* exista, ela não terá o mesmo sentido argumentativo que a associação *trabalhador desempregado* e *enfraquecido*, posto que este é problema e aquele é solução. A análise apenas confirma os princípios de Ducrot e de Saussure que afirmam que o sentido das palavras surge dentro do discurso, ou seja, que o discurso é doador de sentido.

Considerações finais

Neste trabalho abordou-se brevemente a teoria da Argumentação na Língua em suas três fases até chegar à Teoria dos Blocos Semânticos. Para a TBS, o sentido

de uma entidade linguística não está nas propriedades, nem nas ideias, mas sim, constitui-se por discursos que esta mesma entidade linguística evoca, nas relações discursivas entre os signos, através de encadeamentos do tipo *donc e pourtant*. Tais discursos são chamados de encadeamentos argumentativos.

A TBS coloca que qualquer entidade linguística está associada a aspectos que são conjuntos de encadeamentos que compartilham a mesma relação discursiva. Tal associação se dá tanto por meio da argumentação externa e da interna. Ambos os tipos de argumentação podem ser de natureza contextual, quando seu sentido depende do uso imediato no enunciado, ou estrutural, quando o sentido da entidade linguística está previsto pela língua.

A partir da análise feita com o poema de Bertold Brecht, “Esse desemprego”, confirmou-se o princípio ducrotiano que diz que os sentidos são fruto das possíveis continuidades que dada palavra possa ter dentro do enunciado, ou seja, dos encadeamentos argumentativos e não somente através do uso do dicionário.

Com a análise detalhada dos possíveis encadeamentos e aspectos evocados pelos versos de Brecht, foi possível perceber que a palavra *desempregado* alcançou dois sentidos diferentes, sendo um relacionado a um problema, quando está associado à palavra *operário* e o outro relativo a uma solução, quando está associado à palavra *senhor*.

Referências

- BARBISAN, Leci Borges; GIERING, Maria Eduarda; GOUVÊA, Lúcia Helena Martins; GRAEFF, Telisa Furlanetto; MONNERAT, Rosane Santos Mauro; PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino. Perspectivas discursivo-enunciativas de abordagem do texto. In: BENTES, Anna Cristina; LEITE, Marli Quadros. *Linguística de texto e análise da conversação*. São Paulo: Cortez, 2010. p. 171-224.
- BRECHT, Bertold. Esse desemprego. *Antologia Poética de Bertold Brecht* disponível em: <<http://www.culturabrasil.pro.br/brechtantologia.htm>>. Acesso em: 21 jul. 2013
- CAREL, Marion. Argumentação interna aos enunciados. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 37, n. 3, p. 27-43, set. 2002.
- CAREL, Marion. O que é argumentar? *Desenredo* – Revista do PPGL da UPF, Passo Fundo, v. 1, n. 2, p. 77-84, jul./dez. 2005.
- CAREL, Marion. Tu serás um homem, meu filho Um prolongamento da doxa: o paradoxo. *Desenredo*, Revista do PPGL da UPF, Passo Fundo, v. 9, n. 2, p. 254-270, jul./dez. 2013.
- CAREL, Marion; DUCROT, Oswald. *La semántica argumentativa: una introducción a la Teoría de los Bloques Semánticos*. Buenos Aires: Colihue, 2005.
- Ducrot, Oswald. *Polifonía y argumentación*. Cali: Universidad del Valle, 1990.
- DUCROT, Oswald. La Sémantique argumentative peut-elle se réclamer de Saussure? In: SAUSSURE, Louis de. *Nouveaux regards sur Saussure: mélanges offerts à René Amacker*. Genève: Droz, 2006.
- GRAEFF, Telisa Furlanetto. Tradição semântica e semântica argumentativa: o sentido de demais/a mais. In: SCHONS, Carme Regina; CAZARIN, Ercília Ana (Org.). *Língua, escola e mídia: en(tre)laçando teorias, conceitos e metodologias*. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2011. p. 213-234.
- GRAEFF, Telisa Furlanetto. A conexão entre enunciados no texto com base na semântica argumentativa. *Desenredo* – Revista do PPGL da UPF, Passo Fundo, v. 8, n. 2, p. 197-208, jul./dez. 2012.
- MICHAELIS. *Moderno dicionário da Língua Portuguesa*. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php>>. Acesso em: 20 ago. 2013.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 2006.

Recebido: 30 de novembro de 2014
Aprovado: 21 de janeiro de 2015
Contatos: telisagraeff@yahoo.com.br